

Fenômenos Linguísticos: Tipos de Discurso

Texto 1

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá
onde a criança diz: Eu escuto a cor dos
passarinhos
A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um
verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia, que é voz de poeta, que é voz
de fazer nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.*

BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p. 17.

1. O conceito de **intertextualidade** diz respeito ao “diálogo” que pode ocorrer entre diferentes produções textuais. No primeiro verso do poema acima, faz-se alusão a uma frase simbólica da cultura ocidental.

Essa referência tem por objetivo:

- a) ratificar a mensagem original.
- b) ironizar a visão religiosa da existência.
- c) desmitificar a frase e seu sentido.
- d) criticar a ignorância linguística.

2. O texto acima transmite uma mensagem sobre o fazer poético. Assinale opção que melhor representa esse ideal.

- a) As funções da poesia estão relacionadas à inventividade, e não à mera reprodução do que já existe, sobretudo no que concerne à linguagem.
- b) Os textos de caráter poético não podem ser julgados por seus aspectos formais, mas apenas pela criatividade de conteúdo.
- c) Os melhores poemas são aqueles em que o verbo “delira”, isto é, aqueles em que a linguagem é utilizada de forma incompreensível.
- d) A escrita demanda do artista a capacidade de criar mundos imprevisíveis com a linguagem, em um trabalho cuja marca é a superficialidade.

3. Em qual dos fragmentos abaixo — retirados de outros poemas do próprio Manoel de Barros — apresenta-se um exemplo de linguagem “delirante”, segundo a visão do autor?

- a) “Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis.”
- b) “Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada; mas quando não desejo contar nada, faço poesia.”
- c) “No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro.”
- d) “Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.”

Texto 2

Além de parecer não ter rotação, a Terra parece também estar imóvel no meio dos céus. Ptolomeu dá argumentos astronômicos para tentar mostrar isso. Para entender esses argumentos, é necessário lembrar que, na antigüidade, imaginava-se que todas as estrelas (mas não os planetas) estavam distribuídas sobre uma superfície esférica, cujo raio não parecia ser muito superior à distância da Terra aos planetas. Suponhamos agora que a Terra esteja no centro da esfera das estrelas. Neste caso, o céu visível à noite deve abranger, de cada vez, exatamente a metade da esfera das estrelas. E assim parece realmente ocorrer, em qualquer noite, de horizonte a horizonte, é possível contemplar, a cada instante, a metade do zodíaco. Se, no entanto, a Terra estivesse longe do centro da esfera estelar, então o campo de visão à noite não seria, em geral, a metade da esfera: algumas vezes poderíamos ver menos da metade do zodíaco, de horizonte a horizonte. Portanto, a evidência astronômica parece indicar que a Terra está no centro da esfera de estrelas. E se ela está sempre nesse centro, ela não se move em relação às estrelas.

MARTINS, Roberto. Introdução Geral ao Comentaríolus de Nicolau Copérnico

4. O terceiro período representa, no texto,

- a) o principal argumento de Ptolomeu.
- b) o pressuposto da teoria de Ptolomeu.
- c) a base para as teorias posteriores à de Ptolomeu.
- d) o fundamental para o desmentido da teoria de Ptolomeu.

5. Os termos sublinhados estabelecem, no texto, relações, respectivamente, de:

- a) distanciamento — objeção — tempo — efeito.
- b) adição — objeção — tempo — conclusão.
- c) distanciamento — oposição — tempo — consequência.
- d) adição — oposição — consequência — conclusão.

6. O autor do texto, embora apresentando a teoria de Ptolomeu, parece não acreditar nela. Assim, há expressões que, no texto, denunciam subjetividade na apresentação dos fatos. Assinale a opção que as contenha.

- a) é necessário lembrar — imaginava-se — suponhamos.
- b) dá argumentos — imaginava-se — esteja.

- c) tentar mostrar — suponhamos — parece realmente ocorrer.
d) parece realmente ocorrer — é possível contemplar — não se move.

Texto 3

Profissão de fé.

(...)
*Invejo o ourives
Quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor.
Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.
Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.
(...)
Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima
Como um rubim.
Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.
(...)
Porque o escrever — tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.*

(*Olavo Bilac. Poesia. Rio de Janeiro: Agir, s/d. Fragmento*).

Texto 4

Escrever é um ato que exige empenho...

Muitas pessoas acreditam que aqueles que redigem com desenvoltura executam essa tarefa como quem respira, sem a menor dificuldade, sem o menor esforço. Não é assim. Escrever é uma das atividades mais complexas que o ser humano pode realizar. Faz rigorosas exigências à memória e ao raciocínio. A agilidade mental é imprescindível para que todos os aspectos

envolvidos na escrita sejam articulados, coordenados, harmonizados de forma que o texto seja bem sucedido. Conhecimentos de natureza diversa são acessados para que o texto tome forma. É necessário que o redator utilize simultaneamente seus conhecimentos relativos ao assunto que quer tratar, ao gênero adequado, à situação em que o texto é produzido, aos possíveis leitores, à língua e suas possibilidades estilísticas.

Portanto, escrever não é fácil e, principalmente, escrever é incompatível com a preguiça. A tarefa pode ir ficando paulatinamente mais fácil para profissionais que escrevem muito, todos os dias, mas mesmo esses testemunham que escrever é um trabalho exigente, cansativo e, muitas vezes, frustrante. Sempre queremos um texto ainda melhor do que o que chegamos a produzir e poucas vezes conseguimos manter na linguagem escrita todas as sutilezas da percepção original acerca de um fato ou um pensamento. O que admiramos na literatura é justamente essa especificidade, essa possibilidade de expandir pela palavra escrita emoções, pensamentos, sensações, significados, que nós, leigos, não conseguimos traduzir com propriedade.

(Lucília H. do Carmo Garcez. Técnica de redação – o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Fragmento).

7. Os dois textos apresentados acima, quanto à temática que desenvolvem, podem ser considerados:

- a) paradoxais, pois, enquanto o texto 3 explora o minucioso cuidado do ofício de fazer poesia, o texto 4 explora a ideia de que escrever com desenvoltura dispensa tenacidade e pertinácia.
- b) análogos, embora o eixo das semelhanças entre eles se restrinja à forma de sua superfície e, assim, as perspectivas com que os temas são abordados se distanciem essencialmente.
- c) inter-relacionados, ainda que a perspectiva escolhida em um e outro texto descarte a ideia de que, em qualquer escrita, existe um sujeito que, de diferentes modos, intervém em seu texto.
- d) centrados na mesma questão, embora, no texto 3, sobressaia a analogia, o cuidado com a forma e a inversão na ordem das palavras, conforme os padrões do gênero e da filiação literária do autor.

8. Correlacionando os dois textos, quanto a aspectos de seu conteúdo e de sua organização, podemos concluir que:

- a) o trecho do poema: “torce, aprimora, alteia, lima a frase” poderia encontrar uma justificativa, no texto 4, em “Sempre queremos um texto ainda melhor do que o que chegamos a produzir”.
- b) se “Escrever é uma das atividades mais complexas que o ser humano pode realizar”, para o poeta, escrever tem a simplicidade de quem desenha uma flor.
- c) nos dois textos, a visão do poeta e a do escritor comum, sobre o resultado de seus ofícios, coincidem enquanto ambos creem ser possível alcançar o sucesso pleno e a forma perfeita.
- d) o centro da discussão, em ambos os textos, é a aprendizagem da escrita, que, ao jeito do ourives, se assenta sobre a exploração de habilidades inatas e naturais.

9. Explorando aspectos morfosintáticos de ocorrências dos textos 3 e 4, podemos afirmar que:

- a) na primeira estrofe do poema, o pronome 'ele' retoma a referência anterior feita a 'o amor'.
- b) em "Imito-o", o pronome 'o' retoma a referência anterior feita a 'o ourives'.
- c) a palavra 'pena' tem, no texto 3, um duplo sentido, embora prevaleça o sentido simbólico do árduo esforço de quem escreve.
- d) Em: "A agilidade mental é imprescindível", os dois sufixos sublinhados têm o mesmo sentido.

10. No texto 4, o autor vincula a complexidade da atividade de escrever ao fato de essa atividade:

- a) exigir a dedicação diuturna de profissionais engajados na comunicação regulada pelas possibilidades estilísticas da língua.
- b) mobilizar diferentes capacidades psíquicas e cognitivas e requerer o domínio de conhecimentos de diversas ordens.
- c) dificultar a manutenção de todas as sutilezas que correspondem à percepção original acerca de um fato ou de um pensamento.
- d) pressupor um sujeito culturalmente cioso da possibilidade de um texto dever chegar a uma forma articulada e perfeita.

Gabarito

1. C
2. A
3. C
4. B
5. D
6. C
7. D
8. A
9. B
10. B